

*Nascentes*

**TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA  
COMO RECURSO PARA COMPREENSÃO LEITORA:  
A METÁFORA E O PARADOXO EM REPORTAGEM JORNALÍSTICA**

*Giovana Reis Lunardi\**

*Fábio Lopes da Silva\*\**

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é demonstrar, mediante análise semântico-argumentativa, como o título metafórico de uma reportagem jornalística orienta para a compreensão leitora do texto. São utilizados os aportes teóricos da Teoria da Argumentação da Língua (TAL), mais especificamente os que dizem respeito à Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvidas por Oswald Ducrot e Marion Carel, para descrição do sentido global do discurso (BSG). As metáforas e os paradoxos são considerados construções argumentativas às quais podem ser aplicados os conceitos da TAL/TBS, com base nos encadeamentos argumentativos. A metodologia é descritiva, de base bibliográfica. Os resultados mostram aspectos referentes à mediação da compreensão leitora, além de serem motivadores para o desenvolvimento de estudos acerca da leitura pela perspectiva argumentativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora; Título; Teoria da Argumentação na língua.

### **Introdução**

Este artigo propõe uma aproximação dos estudos sobre a Metáfora, conforme Moura (2007, 2008), Ricoeur (2000) e Fiorin (2008), com a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), em sua fase dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida por Jean Claude Anscombre, Oswald Ducrot (1987, 1988, 2002, 2005, 2009) e Marion Carel (1997, 1998, 2002, 2005, 2009). Selecionamos como *corpus* para análise uma reportagem jornalística que contempla uma metáfora em seu título. A lexicalização da metáfora ocorre pela associação de encadeamentos argumentativos (EA) às palavras que a compõem, para tanto, foram utilizados os conceitos de *argumentação* externa (AE) e *argumentação* interna (AI). Posteriormente, descrevemos o sentido global do discurso por meio da estratificação do texto da reportagem em trechos discursivos e estes em segmentos; em seguida identificamos respectivos encadeamentos, argumentações internas (AI) e blocos semânticos (BS), para

---

\* Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc). Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

\*\* Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

evidenciar a interdependência semântica entre o aspecto argumentativo evocado no título e o aspecto evocado no texto.

A problematização deste estudo, voltada à compreensão leitora, é: se os aspectos argumentativos<sup>1</sup> evocados do bloco semântico originado do título metafórico (BST) e daquele originado do texto (BSG) têm relação entre si e com a constituição do sentido global do discurso? Estabelecemos como hipótese global: “O título metafórico é um encadeamento argumentativo que, analisado pela TBS, permite a compreensão leitora de que o sentido do texto é formado pela inter-relação entre blocos semânticos e o aspecto argumentativo evocado do título metafórico está em estreita relação com o aspecto argumentativo evocado pelo sentido global do discurso”.

A Teoria da Argumentação na Língua é relevante aos estudos do discurso sob perspectiva argumentativa e configura-se como uma inovadora maneira de ensinar sobre a construção do sentido e a compreensão leitora de diferentes gêneros.

### A Semântica Argumentativa e suas fases

Fundada no ano de 1983 pelos franceses Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombre, a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) partiu de estudos sobre a pressuposição linguística visando à descrição semântica da língua; seu postulado é “a argumentação está na língua” (DUCROT, 1988, p. 18). Trata-se de uma teoria estruturalista e tem por filiação os estudos de Ferdinand de Saussure, principalmente na medida em que o significado de uma expressão se encontra nas relações desta com outras expressões da língua, nas relações entre o significado de um signo com outros signos. Desse modo, *relação* (sintagmática e paradigmática) é expressão-chave no desenvolvimento da TAL; Ducrot (1988, p. 51) afirma que “o valor argumentativo da palavra é a orientação que ela dá ao discurso”. Na intenção de defender o postulado-base e propondo uma semântica argumentativa à Linguística, a TAL continua sendo estudada por Ducrot e seus colaboradores, contando com as seguintes fases: a forma *Standard* (1983); a forma *Standard Ampliada* (1988); a *Teoria dos Topoi* e a *Teoria Polifônica da Enunciação* (1987); a *Teoria dos Blocos Semânticos* (TBS) e, atualmente, a nova fase, denominada de Teoria da Argumentação Polifônica (TAP). Trata-se de uma teoria que explica o sentido argumentativo da língua; fazemos a seguir, uma breve menção às fases e seus conceitos principais, posteriormente nos detemos, neste estudo, à fase dos Blocos Semânticos.

Postula-se pela TAL que a língua deve fazer referência à fala, em uma distinção metodológica diferente da separação saussuriana, a teoria defende que “a semântica linguística deve ser estrutural e levar em conta a enunciação” (DUCROT, 1987, p. 67). Assim, a TAL também se filia nos estudos

---

<sup>1</sup>Carel e Ducrot (2005) chamam de aspectos argumentativos o conjunto de encadeamentos em “portanto” – os normativos – e o conjunto de encadeamentos em “mesmo assim” – os transgressivos.

enunciativos de Émile Benveniste, pois leva em consideração a enunciação para a constituição do *sentido do enunciado*, entendido como uma descrição da enunciação. Ducrot estabelece que a enunciação “[...] é o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico [...]” (DUCROT, 1987, p.168-169, grifo do autor). Desse modo, isolado da enunciação, o enunciado ficaria desprovido do caráter pragmático, qual seja, do próprio uso da língua, é assim que alinhamos a Ducrot (2005, p. 13), pois “[...] uma expressão é pragmática na medida em que ela serve para comentar o que se faz na fala”.

Destacamos, dentre os conceitos mobilizados para a análise o *texto*, entidade abstrata, que é entendido como uma sequência de frases e pertence ao nível de realização linguística complexa. E o *discurso*, que é a manifestação do texto, por sua vez, uma sequência de enunciados – que são uma parte da enunciação – que também pertence ao nível de realização complexa. Ducrot (1988, p. 53) define: o “discurso como uma sucessão de enunciados”. Já o enunciado é, para Ducrot (1988, p. 58), “uma das múltiplas realizações possíveis da frase”, é uma realidade empírica. Já a frase “é uma entidade teórica”, construída pelo linguista e não pode ser observada, isso porque não ouvimos frases e sim enunciados. Desde o início dos estudos da TAL pretende-se descrever as palavras pelas suas potencialidades discursivas, e não a partir de um conhecimento prévio da realidade ou suas condições de verdade e falsidade, de modo que a argumentação é linguística e não retórica. Assim, a significação é instrucional, já que um enunciado remete a outros enunciados. Conforme Freitas (2007, p. 111-112), “Anscombre e Ducrot consideram que a língua não informa sobre o mundo, mas que comporta indicações de caráter argumentativo [...]”. São as possibilidades de orientação do discurso que constituem a concepção de sentido proposta.

Após ocupar-se da definição de *ato de argumentação*, Ducrot (1987) passa a estudar o caráter argumentativo dos diferentes *pontos de vista* presentes em um enunciado. Denominada Teoria Polifônica da Enunciação essa fase é contrária à visão de unicidade do sujeito – pela qual um enunciado tem somente um sujeito de consciência –, em prol da existência de vários sujeitos no mesmo enunciado, denominados de enunciadore. Ducrot (1987, p. 149) ressalta que “a cena linguística se revela como a cena teatral”, porque o autor assume máscaras diferentes. A encenação dos personagens/enunciadores é, no sentido teatral, a representação dos diferentes pontos de vista no interior do discurso, o que permite se tirar conclusões de uma asserção sem a responsabilidade de ser atribuída por (L) diretamente, mas sim a outro enunciadore. Nessa fase, os enunciadore, responsáveis por manifestar a polifonia, são as “origens dos pontos de vista que se apresentam no enunciado” (DUCROT, 1988, p.20). A polifonia continua sendo estudada, atualmente, por Oswald Ducrot, Marion Carel e Alfredo Lescano, que propõem uma nova fase da TAL/TBS, a partir da atualização

da polifonia<sup>2</sup>. Todavia, destacamos que nosso recorte teórico está centrado na TBS

A fase da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) destaca-se que o argumento influencia o sentido da conclusão e vice-versa, mas de modo interdependente, nenhum pode ser compreendido isoladamente, pois exprimem uma ideia inteira, indecomponível. A linguísta Marion Carel (1997, p. 12) questiona *o que é argumentar?* – ao que responde: “Argumentar consiste somente em reunir blocos lexicais e em exigir-se coerente com eles”. Tem-se como ideia central da TBS “[...] que o sentido mesmo de uma expressão está dado pelos discursos argumentativos que podem encadear-se a partir dessa expressão; dessa forma a argumentação não se agrega ao sentido, mas constitui o sentido” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13). O termo *encadeamento argumentativo*, fundamental para este estudo, é definido como o nível fundamental da descrição linguística, forma-se na relação entre um *segmento A* unido por um conector a um *segmento B*, cuja interdependência semântica constrói o sentido do enunciado, essa interdependência exprime um bloco semântico, a fórmula geral é: “X CONECTOR Y” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 14), que será denominada A CONECTOR B. Eles podem ser do tipo *normativo*, encadeados por conectores em *donc* (abreviado por DC), palavra francesa traduzida como “portanto”, que são conclusivos. E do tipo *transgressivo*, encadeados por *pourtant* (abreviado por PT), traduzidos como “mesmo assim” (ou “no entanto”), entendidos como adversativos. Esses conectores produzem uma *interdependência semântica*, são prototípicos e podem ser substituídos por outros que sejam também conclusivos (então, sendo assim, logo, por isso...) ou adversativos (mas, porém, contudo, entretanto, todavia), dizem respeito a uma relação no interior das palavras. O sentido de uma expressão (palavra ou enunciado) é constituído pelos “discursos que essa expressão evoca” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 29), ou seja, o sentido está expresso nos encadeamentos. Com base na relação *A DC B* podem ser construídos oito<sup>3</sup> conjuntos de encadeamentos – chamados de *aspectos argumentativos* –, sendo agrupados em dois blocos semânticos, de quatro aspectos cada um: BS<sub>1</sub> e BS<sub>2</sub>. Esse bloco de aspectos foi denominado por Carel (1992) *quadrado argumentativo*, sendo que o primeiro agrupamento é que será desenvolvido nas análises deste estudo. A autora define que o BS<sub>1</sub> (chamado doxal) se configura com os seguintes aspectos: *A DC B; neg-A DC neg-B; neg-A PT B; A PT neg-B*. Já o BS<sub>2</sub> chamado de paradoxal apresenta os aspectos *A DC neg-B; neg-A DC B; neg-A PT neg-B; A PT B*. Ao dizer *Faz sol, portanto vamos passear*, estabelece-se o bloco cuja relação semântica relaciona *Fazer sol/Ser agradável passear*, ou seja, o encadeamento é normativo (A DC B), mas também pode ser transgressivo, dando-se o aspecto chamado converso

<sup>2</sup> Trata-se, por enquanto, de uma “trilogia” de artigos novos que trazem algumas reformulações de conceitos: *Atualização da Polifonia* (CAREL; DUCROT, 2010), *Polifonia e Argumentação* (CAREL, 2010) e *Polifonia Linguística* (CAREL, 2011), denominada Teoria da Argumentação Polifônica (TAL).

<sup>3</sup> Os oito aspectos correspondem aos dois blocos de sentido propostos pela TAL/TBS, sendo um bloco doxal e outro paradoxal, cada bloco constitui-se de quatro encadeamentos argumentativos.

(A PT neg-B) *Faz sol, mesmo assim não vamos passear*. As possibilidades de sentido de uma entidade (e) são entendidas como os aspectos que estão a ela associados, existindo duas possibilidades de construir a argumentação do léxico; consoante Ducrot (2002, p. 8): “um aspecto pode estar associado a uma entidade de modo interno ou externo”. Relacionado à entidade de modo *externo à direita*, são encadeamentos que partem da entidade, abreviados por *eAE* (argumentação externa à direita da entidade). Ou de modo *externo à esquerda*, são encadeamentos que vão até a entidade, abreviado *AEe*. Ducrot (2002, p. 9) ilustra que o aspecto *ter pressa DC agir rapidamente* é uma *eAE* da expressão *ter pressa*; sua *AEe* é *estar apressado DC ter pressa*, através do que se percebe na entidade linguística descrita a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua

Assim, quando se trata de uma AE à esquerda da entidade, cujo aspecto é “X CONN Y”, ela também apresenta o aspecto dito “transposto”, “neg-Y CONN’ X”, assim “ter pressa DC apressar-se” contempla “não ter pressa PT apressar-se” (DUCROT, 2002, p. 9). Além dessa característica/regra, Ducrot postula que a entidade faz parte do encadeamento da AE, o que não ocorrerá com a argumentação interna. A TBS ainda define, em relação às argumentações externas, que são *estruturais* quando fazem parte da significação linguística de uma palavra, previstas pela língua, e *contextuais* quando é a situação do discurso que a vincula à entidade. Desse modo, é possível descrever um grande número de expressões parafraseando-as mediante encadeamentos do tipo *A CON B*, no qual o conector pode ser em DC ou PT (*donc e pourtant*). É essa lexicalização das palavras da língua que permite a construção dos blocos semânticos e do quadrado argumentativo (que será explicado a seguir). Conforme Ducrot (1988, p. 99), “só há argumentação se o locutor se identifica com um enunciador que argumenta”, é o que ocorre com a utilização das metáforas como recurso argumentativo.

### **A metáfora e sua potencialidade argumentativa**

Considerada recurso para criar novos sentidos, a metáfora é definida como “o emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de qualquer elemento que introduz formalmente uma comparação” (FIORIN, 2008, p. 71). Esse elemento seria uma conjunção comparativa (como, tal qual, tão, mais do que, dentre outras), que não está presente na metáfora e tampouco é necessária; ela é a criação de um signo conotado, a partir de dois signos, sendo o “acréscimo de um significado a outro” (FIORIN, 2008, p. 71), quando entre eles há uma relação de interdependência, de semelhança em alguma característica. À medida que acresce um significado a outros, as metáforas organizam o sentido do discurso e encadeiam os segmentos discursivos, o que singulariza e compatibiliza a proposta neste estudo.

Pode-se confirmar a característica predicativa da metáfora na medida em que ela apresenta

uma ideia sob o signo de outra, por isso consideramos neste trabalho que a metáfora está vinculada ao ato central do discurso, à predicação, diga-se à argumentação. O filósofo Paul Ricoeur, em sua clássica obra *A Metáfora Viva* (1975), considera que a metáfora é a “transposição de um nome estranho a outra coisa” (RICOEUR, 2000, p. 107), o falante constrói novas possibilidades de sentido conforme as escolhas feitas diante das combinações sintagmáticas. Desatacamos que “a interpretação da metáfora depende da combinação sintagmática dentro de uma frase e não apenas de paradigmas lexicais isolados” (MOURA, 2008, p. 189). Desse modo, a metáfora não tem apenas uma função estilística, mas é um recurso cognitivo/ argumentativo

Moura (2007) teoriza que a metáfora é composta por dois elementos, ao *tópico* e o *veículo*, o primeiro é o elemento que recebe a nova categorização e o segundo possui dupla referência, uma literal e outra metafórica; a interpretação depende da relação entre o tópico e o veículo. Associar as teorias acerca da metáfora e da TAL/TBS é propósito neste estudo, pois postulamos que o *tópico* da metáfora seja entendido como o *segmento A* e o *veículo* como o *segmento B*; juntos têm uma interdependência que constrói o encadeamento argumentativo, formando assim o sentido. Para Ricoeur (2000, p. 142), “a metáfora resulta tanto da pragmática como da semântica”. A associação a ser feita entre a Metáfora e a TAL se dá no eixo das relações sintagmáticas (as combinações) e o das relações associativas (a seleção); a metáfora seleciona traços comuns a dois significados que coexistem, formando novas categorizações, ou seja, “[...] uma mesma palavra pode receber diferentes interpretações metafóricas dependendo do tópico com o qual se combina (MOURA, 2008, p. 189)”. À proposição que menciona a *interdependência semântica*, com relação à metáfora, Moura (2008, p. 189) dá respaldo através do seguinte comentário: “[...] a interpretação de uma metáfora depende da combinação sintagmática dentro de uma frase e não apenas de paradigmas lexicais considerados fora do contexto.” Assim, as combinações sintagmáticas das palavras na metáfora relacionam-se à escolha do encadeamento assumido pelo locutor.

### **A compreensão leitora pela ótica da Teoria dos Blocos Semânticos**

Para a compreensão leitora, defendemos que os preceitos da TAL/TBS podem ser aplicados como recurso facilitador e esclarecedor do sentido global do discurso da reportagem jornalística analisada. Será utilizado, neste estudo, o conceito de leitura pela TBS, restrito ao produto da enunciação, ou seja, o leitor deve acessar o sentido permitido pelo discurso. “[...] Caso contrário, estará no outro extremo da enunciação: será um novo locutor ao produzir um outro discurso, que pode ter sido construído a partir do anterior, mas já constitui uma nova enunciação” (DELANOY, 2008, p. 52).

Com base nessa afirmação, a função do leitor é identificar a argumentação presente no

enunciado, que lhe aufero sentido, conforme o que o locutor propôs, pois a descrição do sentido ocorre pela análise do linguístico, ou seja, das instruções dadas pelas frases. Os limites de compreensão a que se refere Delanoy (2008) são entendidos por Ducrot (1988) como instruções presentes na frase (realização abstrata). “É a estrutura linguística que indica o que deve se procurar no contexto, e como procurar quando se quer interpretar um enunciado” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 11). Defendemos que a compreensão leitora pela ótica da TAL/TBS é, dentre as teorias linguísticas existentes, a mais profícua para se identificar o sentido global do discurso, por isso deve ser aplicada ao ensino da língua materna e para o desenvolvimento da leitura. Ao considerarmos que as escolhas linguísticas determinam a força argumentativa dos discursos, a TAL/TBS constitui uma estratégia para leitura e produção textual. A compreensão leitora é responsável por construir o sentido global do discurso e deve ser focalizada na relação entre o título e o texto. É fato que o título ocupa um lugar de destaque em todo texto, ele é uma estratégia que faz o leitor levantar hipóteses acerca do conteúdo do texto. As instruções da frase são abertas, o intérprete deve reconstituir a estratégia argumentativa do locutor; sob esse ponto de vista, a compreensão leitora relaciona-se à possibilidade de cada leitor “construir o seu quadrado”, isto é, assumir um ponto de vista conforme a constituição dos encadeamentos argumentativos de um bloco semântico. A análise realizada neste estudo procura demonstrar que a compreensão leitora se concretiza pela construção do sentido argumentativo no discurso a partir da orientação que detém palavras plenas presentes no título metafórico.

### Procedimentos metodológicos e análises

As análises semânticas visam a identificar a relação de semelhança entre o aspecto evocado do bloco expresso no título e os aspectos evocados nos trechos selecionados do texto-base, de modo a constituir a compreensão leitora. Trata-se de identificar a argumentação presente no título metafórico e no texto para descrever o sentido global do discurso, o que se configura pela interdependência entre enunciados, encadeamentos discursivos e blocos semânticos. Para análise procedemos da seleção de três trechos discursivos (T<sub>1</sub>, T<sub>2</sub>, T<sub>3</sub>) da revista de circulação nacional Exame (2010, p. 120-121), *A competição é uma droga*, sob critério de ocorrência das palavras plenas do título metafórico (competição e droga). Os procedimentos de metodológicos preveem:

- a) identificação da Argumentação Externa (AE) e da Argumentação Interna (AI) das entidades lexicais, que se caracterizam como palavras plenas do título metafórico, quais sejam: *competição*, *droga*;
- b) caracterização da AE e da AI do título metafórico, para construção do bloco semântico correspondente e identificação do respectivo aspecto argumentativo evocado;

c) divisão dos trechos selecionados em segmentos discursivos ( $S_1, S_2...$ ), conforme contenham um discurso argumentativo<sup>4</sup> e identificação das AE<sup>5</sup> respectivas, que resultam a formação dos encadeamentos argumentativos normativos e transgressivos (EA) dos quais são identificadas a argumentação interna (AI);

d) composição dos BS ( $BS_1, BS_2, BS_3...$ ) decorrentes da interdependência entre as argumentações internas ( $AI_1, AI_2, AI_3...$ ) dos trechos da reportagem analisada, para obter o Bloco Semântico do Sentido Global do Discurso (BSG);

e) construção do Quadrado Argumentativo (QAI<sub>1</sub>) correspondente à AI (aspecto evocado) do título metafórico e do Quadrado Argumentativo oriundo do BSG (QA<sub>2</sub>) para identificar por polifonia o ponto de vista assumido pelo locutor e as possibilidades de argumentação do discurso;

f) demonstração através dos quadrados argumentativos (título metafórico e texto) que os encadeamentos (polifonia) expressam o sentido global do discurso e que eles inter-vêm na *compreensão leitora* e na retomada das palavras plenas que caracterizam a metáfora existente no título do texto.

Nessa reportagem jornalística, deparamo-nos com um título constituído por uma metáfora que gera dúvidas, não se sabe a qual tipo de competição o locutor se refere, pois é somente na continuação discursiva; é através da leitura da reportagem analisada que é possível compreender o sentido desse título metafórico. Percebe-se, assim, que o sentido mobilizado é polifônico; trata-se de um “duplo jogo linguístico” em relação à droga/algo ruim e droga/entorpecente. A reportagem tem por temática o referendo para legalização da maconha, para fins medicinais, ocorrido em dezembro de 2010, na Califórnia e polêmica até os dias atuais. Ocorreu que a vitória foi do “não”, contrária à legalização, o que gerou surpresa pelos habitantes da região, uma vez que os próprios produtores legalizados votaram contra. Procedemos à análise das argumentações externas à direita (*eAE*) e à esquerda (*AEe*) da entidade lexical *competição*, apresentadas na tabela a seguir, além de sua argumentação interna (AI). Nas palavras plenas descritas na tabela 1, percebemos o potencial argumentativo pelos encadeamentos que ocorrem nas relações sintagmáticas e possibilitam a construção de uma unidade de sentido – o bloco semântico. Sendo o título metafórico: (1) *A competição é uma droga* (EXAME, 2010, p. 120).

<sup>4</sup> Dois predicados que possam ser encadeados por DC ou PT.

<sup>5</sup> Serão identificadas nas análises como *eAE* para identificar as argumentações externas à esquerda da entidade lexical e *AEe*, as argumentações externas à direita.

**Tabela 1.** Argumentações Externas e Internas

a) AE da entidade lexical <i>competição</i> <sup>6</sup> :	b) AE da entidade lexical <i>droga</i> <sup>7</sup>
(1.1) Ter competição DC ser ruim. – eAE <sup>8</sup>	(1.4) É droga DC ser ruim. – eAE
(1.2) Existir competição DC ser uma droga. – eAE	(1.5) É droga PT tem fins medicinais. – eAE
(1.3) Ter competição DC vender pouco. – eAE	(1.6) Ser droga PT legalizar. – Eae

Fonte: elaborado pela autora.

No título metafórico há uma associação entre um elemento abstrato (a competição), diga-se uma ação de rivalidade e um elemento concreto (droga), entorpecente, essa associação configura-se em argumentações externas normativas e transgressivas, conforme observado de (1.1) a (1.6). O título argumenta através de uma predicação do sujeito: *a competição é uma droga*, pois, ao apresentar nova categorização, é preciso identificar as semelhanças entre *droga* e *competição* para existir compreensão, e isso somente se verificará no decorrer da leitura da reportagem jornalística analisada. A palavra *droga* exerce função fundamental no discurso, visto que as continuidades que ela permite, por sua força argumentativa, são responsáveis pelo sentido que o aspecto evocado do bloco semântico expresso no título provoca em relação aos blocos semânticos expressos no texto; isso se configurará nas análises dos trechos discursivos selecionados. Concebido o discurso como doador de sentido, através de encadeamentos argumentativos nos quais o sentido do argumento define o sentido da conclusão e vice-versa, evidenciamos que as entidades lexicais plenas constroem o sentido como um bloco semântico indecomponível que constitui a metáfora (competição DC droga). Damos sequência à análise, com base nos procedimentos metodológicos, uma vez que partindo das AE (à direita e à esquerda) constroem-se argumentações internas (AI)<sup>9</sup> as quais, por sua vez, tratam especificamente da lexicalização da entidade lexical. Seguem as AI das entidades lexicais *competição* e *droga*, respectivamente:

**Tabela 2.** Argumentações Internas

a) AI da entidade lexical <i>competição</i> :	b) AI da entidade lexical <i>droga</i> :
(1.7) Ambição em comum DC ter disputa.	(1.9) Ruim DC não usar.
(1.8) Ter concorrência DC concorrer.	(1.10) Algo dar errado DC é ruim.

Fonte: elaborado pela autora.

A significação das palavras é feita de encadeamentos normativos ou transgressivos, de possibilidades discursivas dadas pelo uso da língua. Dito por Freitas (2007, p. 142), “a propriedade que

<sup>6</sup> A entidade lexical *competição* aparece apenas uma vez no texto da reportagem jornalística.

<sup>7</sup> Registramos seis ocorrências da palavra *droga* na reportagem jornalística.

<sup>8</sup> Argumentação externa à direita da entidade lexical *competição*.

<sup>9</sup> As argumentações internas são paráfrases e nelas não consta a própria entidade lexical.

faz com que esses se transformem em discursos argumentativos está caracterizada pela interdependência semântica de seus constituintes”.

a) **AE e AI do enunciado/título/metáfora “A competição é uma droga”:**

(1.11) Diminuir os lucros DC a competição é uma droga – **AEe**

(1.12) *Disputar consumidores DC ser ruim* – **AI da metáfora**, que é assumida pelo locutor na reportagem jornalística sob análise.

Percebemos, na análise dos encadeamentos argumentativos originados dessa metáfora, como o sentido não pode ser concebido em termos de verdade e falsidade; do contrário, não seria possível fazer a afirmação que a metáfora propõe, ou seja, que a *competição é uma droga*. Isso porque teria que se entender *competição* apenas conforme o dicionário e não consoante essa situação discursiva específica. “A lexicalização de uma entidade é dada pelo bloco semântico e seus aspectos transgressivos e normativos associados a ela” (CAREL, 1998, p. 71). Ao descrever semanticamente as palavras plenas da metáfora, demonstramos seu caráter argumentativo; de modo que as metáforas são recursos argumentativos e nelas a argumentação se circunscreve, está na língua, de modo que há relação de sentido entre o título metafórico e o texto porque se verificam desdobramentos da metáfora no decorrer do discurso e no movimento argumentativo do discurso. Para mostrar que o discurso metafórico é argumentativo e polifônico, verificamos que diante dos aspectos do bloco semântico construído, após a identificação dos encadeamentos argumentativos oriundos do tópico e veículo da metáfora, configuram-se aspectos como possibilidades que o enunciador pode assumir ou não. Tais possibilidades relacionam-se com a escolha do sentido, no que se refere à metáfora a partir da nova categorização. Seguem os procedimentos metodológicos aplicados ao primeiro trecho discursivo:

**(T<sub>1</sub>) S<sub>1</sub>.** Para o restante dos americanos, os californianos são considerados excêntricos, criativos, vanguardistas e libertários. **S<sub>2</sub>.** Por isso, causou surpresa quando, no começo de novembro, o “**não**” venceu o referendo sobre a legalização da **maconha** para uso recreativo – contrariando inclusive pesquisas de opinião (EXAME, 1 dez. 2010, p. 121).

**S<sub>1</sub>(AE) à direita do segmento:** Ser californianos DC ser excêntricos, criativos, vanguardistas e libertários.

**S<sub>2</sub>. (AE) à direita:** O “nã” venceu o referendo sobre a legalização da maconha DC causou surpresa e contrariou as pesquisas de opinião. Dos segmentos (S<sub>1</sub> e S<sub>2</sub>) resulta o primeiro encadeamento argumentativo, temos como relação de interdependência, S<sub>1</sub> + S<sub>2</sub><sup>10</sup> = **EA<sub>1</sub>**– *Ser californiano,*

<sup>10</sup> Utilizamos nas análises o símbolo de adição (+) por entendermos que manifesta com clareza a ideia de interdependência semântica entre os segmentos que constituem os trechos da reportagem jornalística analisada.

criativo, vanguardista e libertário PT não aprovar o referendo sobre a legalização da maconha para uso recreativo (A PT neg-B). Deste encadeamento identificamos uma possível argumentação interna (AI) que se configura como: **AI<sub>1</sub>** – Residir na Califórnia PT não concordar com o referendo (A PT neg-B). Apresentamos o segundo trecho analisado, a seguir.

**(T<sub>2</sub>) S<sub>1</sub>**. Independentemente do juízo que se faça sobre a legalização de uma **droga** como a maconha, **S<sub>2</sub>**. o caso californiano lança luz sobre os efeitos da economia em escala. (EXAME, 1 dez. 2010, p. 121).

**S<sub>1</sub>** (AE) à direita: Droga como a maconha PT não fazer qualquer juízo.

**S<sub>2</sub>**(AE) à direita: Caso californiano DC efeitos na economia em escala.

$S_1 + S_2 = \mathbf{EA}_2$  – Não existir mau juízo sobre a legalização da maconha PT atingir a economia em escala (A DC B). Deste encadeamento temos a **AI<sub>2</sub>** – É droga PT gerar lucros (A PT B). O terceiro trecho (**T<sub>3</sub>**) também se baseia no dispositivo de análise já apresentado; menciona acerca da influência da legalização da maconha na economia.

**(T<sub>3</sub>) S<sub>1</sub>**. São famílias donas de pequenas propriedades agrícolas, uma das exigências da atual lei. **S<sub>2</sub>**. Para eles, a ampliação do mercado significaria o início do que chamamos de processo de “walmartização”. (EXAME, 1 dez.2010, p. 121).

**S<sub>1</sub>** (AE) à direita: ser pequena propriedade<sup>11</sup> DC a lei permite plantar.

**S<sub>2</sub>**(AE) à direita: ampliar mercado DC causar processo de “walmartização”<sup>12</sup>.

$S_1 + S_2 = \mathbf{EA}_3$  – Ser pequena propriedade DC votar contra o processo de “walmartização”. (A DC B). Deste encadeamento tem-se como **AI<sub>3</sub>** – Ser pequeno produtor DC temer concorrência (A DC B).

A identificação da inter-relação entre as AIs dos trechos discursivos demonstra como “[...] o sentido só se constrói por empréstimo do contexto, mas essa construção ‘pragmática’ do sentido é dirigida pelo valor propriamente linguístico das palavras que se devem interpretar” (DUCROT, 2005, p. 11). Cada trecho discursivo da reportagem apresenta um bloco semântico indecomponível, oriundo das AI dos EA desses trechos, conforme a seguir: **(T<sub>1</sub>)** – BS<sub>1</sub>: plantar maconha PT votar contra legalização. **(T<sub>2</sub>)** – BS<sub>2</sub>: plantar maconha PT ter decisões lúcidas. **(T<sub>3</sub>)** – BS<sub>3</sub>: ter competição DC vender menos.

A interdependência entre os blocos semânticos BS<sub>1</sub>, BS<sub>2</sub>, BS<sub>3</sub>, correspondentes aos trechos discursivos da reportagem analisada, constitui o bloco semântico do sentido global do discurso (BSG), que é: *É plantador de maconha DC vota contra a legalização*, um encadeamento *linguisticamente paradoxal* (LP). A maior parte da população local e dos leitores da reportagem entenderia que os

<sup>11</sup> A reportagem menciona que os pequenos produtores são denominados de “produtores papai e mamãe”.

<sup>12</sup> AI da palavra “walmartização” = grandes produtores DC aumento da competição.

plantadores legalizados deveriam votar a favor no referendo, mas não é o que ocorre, isso porque eles consideram que o aumento da concorrência que haveria depois da legalização diminuiria seus lucros de venda.

A metáfora constitui-se da predicação: competição é ruim e o BS<sub>1</sub> – *plantar maconha PT votar contra legalização* – confere essa predicação e manifesta o essencial, o cerne da reportagem jornalística, que é o fato – paradoxal – de os plantadores terem votado contra a legalização de um produto que lhes é de subsistência, porque se preocupam com a futura concorrência. As análises demonstram que a argumentação presente no título metafórico orienta para a construção do sentido da reportagem, como possibilidade de compreensão leitora.

O bloco semântico expresso no discurso é *plantar maconha/votar contra*, dele tem-se o aspecto argumentativo evocado que é contrário às opiniões de muitos americanos dessa região da Califórnia, trata-se de um encadeamento linguisticamente paradoxal (LP). O paradoxo também está inscrito na língua e pode ser descrito pela TBS, mas como fazer essa descrição? Dito por Grégis (2009, p. 201 apud CAREL; DUCROT, 2001), há duas propriedades intrínsecas aos enunciados LP, que são: “1ª propriedade: a AI do encadeamento não está contida na AI do primeiro segmento do enunciado. 2ª propriedade: invertendo-se o conector (DC ou PT), tem-se um encadeamento linguisticamente doxal”. Um exemplo de encadeamento paradoxal, dado por Carel e Ducrot (2005, p. 82), é o enunciado *Pablo é rico DC tem muitos amigos*. O aspecto *rico DC amigos* não pertence à AE estrutural de *Pablo é rico* (S<sub>1</sub>) e tampouco ao (S<sub>2</sub>); trocando o conector, tem-se o aspecto *é rico PT amigos*. O locutor não se contenta em eleger um aspecto dentro do bloco dado pela língua e constitui outro bloco de sentido. A questão do paradoxo e da transgressão suscita dúvidas, mas Grégis (2009, p. 202) explica que na TAL *PT* não tem vocação para ser LP: “os encadeamentos em *PT* implicam a recusa do DC correspondente e, ao mesmo tempo reconhecem sua legitimidade”.

Os encadeamentos paradoxais opõem-se a determinado bloco que é lexicalizado na argumentação. Visto identificar a opção entre diversas descrições concorrentes de uma mesma palavra, Ducrot (2000, p. 24) estipula certas hipóteses gerais tanto sobre o “comportamento das palavras quando são negadas, reforçadas ou atenuadas quanto sobre as propriedades semânticas das palavras em oposição aos sintagmas”. E também demonstra o papel crucial em que esse tipo de descrição deve julgar a *noção de paradoxo*, introduzindo a ideia de um léxico paradoxal. Esse conceito é importante para nosso estudo porque identificaremos encadeamentos paradoxais no decorrer das análises dos trechos discursivos; por isso, detalharemos a seguir.

O paradoxo, pelo senso comum, não deveria ser aceito no uso da língua porque significa uma ideia contrária ao pensamento da sociedade, mas, pela perspectiva da TBS, comprova-se que, estando a argumentação na língua, não há necessidade de dependência ao contexto e o paradoxo

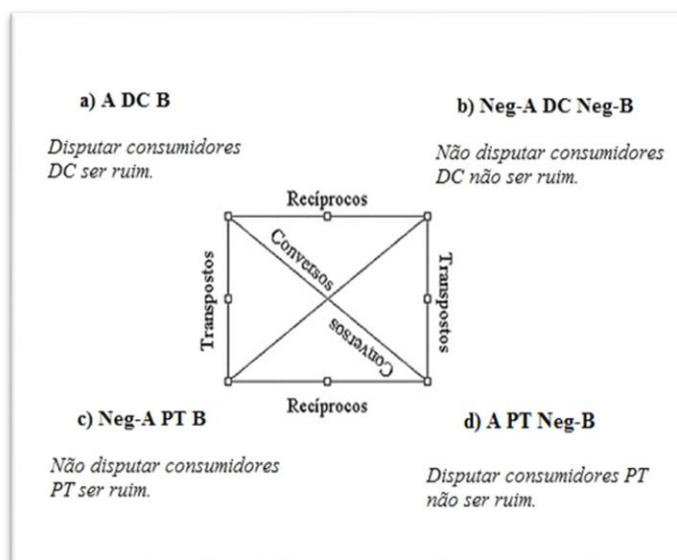
deve ser aceito como construção linguística argumentativa. Carel e Ducrot (2005, p. 78) entendem que não podem definir como *expressão paradoxal*, denominada de Expressão Socialmente Paradoxal (ESP), simplesmente uma expressão contrária à opinião comum, isso porque os estudos da Semântica Argumentativa evitam dizer que a linguagem expressa opiniões vinculadas à falsidade e à verdade. As ESP têm um comportamento diferente no que concerne à descrição linguística, uma vez que as palavras manifestam noções argumentativas, a sintaxe estabelece relações entre elas que constituem opiniões, algumas dessas opiniões são socialmente aceitas, outras podem não ser.

Para compreender o conceito de expressões, enunciados e palavras paradoxais, pelo viés da TBS, é preciso o conhecimento acerca do Encadeamento Doxal e do Encadeamento Paradoxal. Os conceitos de encadeamento doxal e paradoxal relacionam-se com a compreensão daquilo que a TBS estabelece acerca da argumentação estrutural e contextual, conforme já mencionado neste estudo. Então, “um encadeamento argumentativo ( $X \text{ CON } Y$ ) é doxal se esse encadeamento pertence a um dos aspectos da AE estrutural de  $X$  ou de  $Y$ ” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 79). Por exemplo, o encadeamento *havia perigo DC Pedro tomou precauções* é doxal, pois pertence ao aspecto *perigo DC precaução*, que é uma possibilidade de AE de *havia perigo*, além de demonstrar a interdependência semântica entre seus constituintes de modo inscrito na língua. Entretanto, os vínculos entre segmentos podem ser construídos pelo discurso mesmo, ou seja, o encadeamento *Pedro é prudente DC não lhe tenho confiança* (CAREL; DUCROT, 2005, p. 80) é paradoxal, porque não é um encadeamento estrutural a *Pedro é prudente*. Para a TBS, diferentemente de outras perspectivas teóricas, “um encadeamento  $X \text{ CON } Y$  é paradoxal se  $X \text{ CON } Y$  pertence a AE estrutural de  $X$  ou de  $Y$ . [...] A ideia geral é que o encadeamento paradoxal é oposto a AE de um de seus termos. É oposto no sentido que há uma troca de conector entre ambos” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 82). A argumentação está ligada às palavras e às suas argumentações internas; então,  $A \text{ DC } B$  será paradoxal se na AE estrutural de  $A$  for a seguinte:  $A \text{ PT } B$ . Após definir os encadeamentos paradoxais, Carel e Ducrot definem os sintagmas e palavras paradoxais; um exemplo de sintagma paradoxal é *amor sádico*, para o qual Carel e Ducrot (2005, p. 84) propõem como AI o aspecto *ama DC faz sofrer*, que é paradoxal porque na AE de *amar* temos *ama DC neg-faz sofrer* ou também *ama PT faz sofrer*, desse modo confere-se uma troca de conector. Exemplo de palavra paradoxal é *masoquista*, porque, ao questionarmos o que significa essa palavra plena, deparamo-nos com uma pessoa que gosta de sofrer, atitude que não é comum. Temos como AI de *masoquista* o aspecto *sofre DC está satisfeito*. Conforme Carel e Ducrot (2005, p. 85), a AE de *sofrer* inclui os aspectos *sofre DC neg-está satisfeito* e *sofre PT está satisfeito*. Ao retomar o conceito de paradoxo, é possível confirmar que  $X \text{ CON } Y$  pertence à AE estrutural de  $X$ , ou seja, há troca de conector no encadeamento assumido pelo locutor da palavra paradoxal. Uma vez que o *masoquista* gosta de sofrer, assume o conector

normativo *donec*(portanto), é característica de o paradoxo ter em sua AI um aspecto paradoxal. A língua não exclui as palavras paradoxais e, para a TBS, o paradoxo pode ser definido em termos puramente linguísticos, para tal confirmação, no decorrer da análise proposta neste estudo serão descritas palavras e encadeamentos paradoxais. A seguir prosseguimos com a construção do Quadrado Argumentativo<sup>13</sup> (QA<sub>1</sub>), correspondente à AI expressa no título metafórico (1.12) *Disputar consumidores DC ser ruim*.

**QA<sub>1</sub> – (BST)** “Disputar consumidores DC ser ruim”.

**Figura 1.** Quadrado Argumentativo da AI do título metafórico

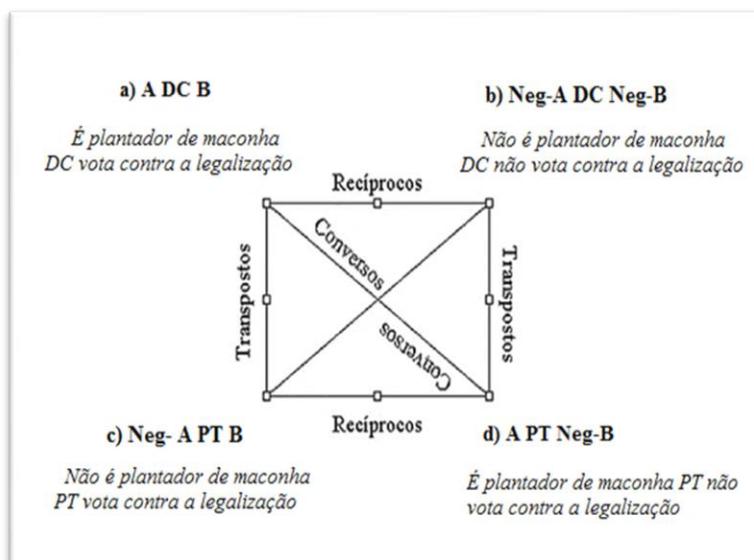


Fonte: elaborado pela autora.

O Quadrado Argumentativo 1 (QA<sub>1</sub>) permite identificar, por polifonia, o ponto de vista assumido/posto pelo locutor e as possibilidades de argumentação do discurso, o aspecto evocado no discurso é (a) *Disputar consumidores DC ser ruim*. Esse é o aspecto evocado pelo discurso expresso na metáfora e que será relacionado ao aspecto argumentativo evocado no BSG, que estabelece o sentido global do discurso. Segue o Quadrado Argumentativo (QA<sub>2</sub>) correspondente ao bloco semântico global. **QA<sub>2</sub> – (BSG)** – “É plantador de maconha DC vota contra a legalização”.

<sup>13</sup> Conforme Ducrot e Carel (2005, p. 45), “o quadrado argumentativo é formado pelos segmentos A e B que originam quatro aspectos de um mesmo bloco semântico e, entre os quatro ângulos do quadrado há uma relação discursiva”.

Figura 2. Quadrado Argumentativo do BSG do discurso



Fonte: elaborado pela autora.

O quadrado argumentativo como recurso ilustrativo demonstra que o sentido do título metafórico e do discurso global é argumentativo e polifônico, lembrando que a polifonia é resultado da seleção de um dos aspectos do quadrado. Em relação aos pontos de vista que o locutor põe em cena no enunciado, conforme a polifonia, identificamos a direção em que o locutor argumenta, lembrando que ele também apresenta as possibilidades conversas, recíprocas e transpostas do bloco semântico.

Notamos que o sentido global do discurso (BSG) *É plantador de maconha DC vota contra a legalização*, que se relaciona com o sentido do título metafórico *Disputar consumidores DC ser ruim* (BST) proporciona uma compreensão leitora de cunho crítico-argumentativo. Verificamos que o aspecto evocado do bloco semântico expresso no título metafórico (BST) tem relação com o aspecto evocado do (BSG), conforme previsto na (H2), e que a metáfora do título orienta para um BSG paradoxal.

As análises permitiram visualizar os conceitos da TBS aplicados e o movimento argumentativo identificado na relação título-texto, de modo que o título orienta para a compreensão leitora do sentido global do discurso. E, para finalizar a análise da reportagem jornalística, *corpus* desta pesquisa, questionamos: qual o papel da metáfora na argumentação? Ou ainda, na atividade argumentativa? Respondemos conforme as descrições semânticas realizadas sob a perspectiva da TBS, que argumentar consiste em encadear enunciados-argumento e enunciados-conclusão que compõem blocos semânticos. Para TAL/TBS, o sentido é constituído por encadeamentos e não por informações; caso tomássemos apenas a informação dada pela metáfora presente no título da reportagem, não seria possível a compreensão leitora, de modo que é preciso investigar as instruções

dadas pelas frases para, na continuação discursiva, depreender a significação com auxílio da TBS.

Partimos da associação da estrutura da metáfora que compunha o título da reportagem jornalística à estrutura do encadeamento argumentativo proposto por Carel (2007), na TBS, para descrever sua relação com o sentido global do discurso. Assim, retomamos que o BSG tem origem na interdependência entre os aspectos argumentativos (normativos ou transgressivos) evocados nos respectivos blocos semânticos dos trechos (T<sub>1</sub>, T<sub>2</sub>, T<sub>3</sub>) “*É plantador de maconha DC vota contra a legalização*”. Desse modo, a compreensão leitora da reportagem jornalística mostra que ambos os encadeamentos *disputar consumidores é ruim DC a competição é uma droga* faz com que os plantadores de maconha votem contra a legalização.

Esses encadeamentos, que se movimentam no discurso, estão em conformidade com o título metafórico “*É competição DC é uma droga*”, que caracteriza o discurso na reportagem analisada como predominantemente paradoxal. Ainda destacamos que o aspecto argumentativo evocado pelo BSG da reportagem é linguisticamente paradoxal, uma vez que o paradoxo está na língua mesma, marcado pela oposição da AE do encadeamento argumentativo formado pelo sintagma. Notamos como o paradoxo consiste em colocar-se um DC ou um PT; discursivamente, o mais recorrente (normal) seria um PT ou um DC, ou seja, há troca de conector e, na existência de troca de conector, o encadeamento passa a ser doxal. O fato de os produtores de maconha serem contrários à legalização contradiz o senso comum e demonstra como o sentido é uma fabricação discursiva.

A aplicação do modelo metodológico permitiu identificar que a argumentação é paradoxal, no discurso global e nos particulares também, confirmando as noções conceituais da TBS de que a existência do paradoxo mostra que a língua pode cristalizar no léxico crenças opostas ao sentido comum. O sentido depende dos blocos semânticos estabelecidos no discurso e dos encadeamentos argumentativos selecionados pelo locutor em sua compreensão leitora. Dito por Carel e Ducrot (2005, p. 13): “a argumentação não se agrega ao sentido, mas constitui o sentido”. Este *corpus* de pesquisa oportuniza desenvolver a compreensão leitora pela abordagem da TAL/TBS, que poderá contribuir para um ensino/aprendizagem da língua materna mais analítica.

### Considerações Finais

O objetivo geral deste trabalho buscou descrever o sentido global do discurso que se relaciona com o sentido do título metafórico, proporcionando uma compreensão leitora de cunho crítico-argumentativo, foi cumprido. Pois, demonstramos a constituição do Bloco Semântico do título metafórico (BST) a partir da lexicalização das palavras plenas e do Bloco Semântico do Sentido Global do Discurso, oriundo da inter-relação entre os blocos semânticos dos trechos discursivos

selecionados, para, por fim identificar o ponto de vista (o encadeamento) assumido pelo locutor como compreensão leitora. O título metafórico pode ser lido como um encadeamento argumentativo normativo, *É competição DC é uma droga*, ele tem relação com o BSG, *É plantador de maconha DC vota contra a legalização*, que, por sua vez, é interdependente da AI expressa no título metafórico *Disputar consumidores DC ser ruim*. A nova categorização das palavras que compõem o título metafórico, *competição* e *droga*, orienta o sentido da reportagem. É preciso que a compreensão leitora perceba o porquê do novo conceito de *competição* como algo ruim/uma droga e isso ocorre de maneira mais produtiva se utilizadas as categorias de análise selecionadas da TBS. Esse é o movimento argumentativo do título para o texto pelo qual a compreensão leitora identifica, com auxílio da TBS, o sentido paradoxal da reportagem jornalística objeto deste estudo.

Foi possível arquitetar a compreensão leitora pela perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). As análises evidenciaram que é possível identificar e descrever a argumentação presente nos títulos metafóricos e no decorrer do texto, conforme preceitos da TAL/TBS, o que constitui uma contribuição para os estudos linguísticos sob viés argumentativo. Ao estudarmos a metáfora sob a perspectiva da TBS, observamos que o título metafórico se relaciona com a semântica da língua, convocando todo um *paradigma de signos*; pelo qual um tópico pode ser associado a diferentes veículos para construir uma metáfora. O tópico da metáfora entendido como o *segmento A* e o veículo como sendo o *segmento B* tem uma interdependência que constrói o encadeamento argumentativo, formando assim o sentido da metáfora. Por meio das análises dos trechos discursivos é mantida a hipótese, em paráfrase com Ducrot (1988), de que a *argumentação está na metáfora*. Uma vez que “argumentar é formar blocos semânticos”, ou “estabelecer encadeamentos argumentativos em DC e PT” (CAREL, 2009, p. 84), a metáfora, ao formar blocos semânticos, apresenta-se como sendo argumentativa, já que faz parte da língua, em concordância com a proposta de estudar a continuidade das palavras no desenvolvimento discursivo. O fato de as metáforas originarem-se das relações sintagmáticas e paradigmáticas faz com que seja defendida a hipótese de que as metáforas constroem o sentido através da argumentação, conforme os preceitos da TBS, a partir da interdependência semântica entre dois segmentos que estão presentes no encadeamento argumentativo. A metáfora, na reportagem analisada, comporta um sentido profundo que é paradoxal, conforme previsto na descrição semântica realizada.

As análises da reportagem jornalística puderam comprovar que o sentido está na língua, o leitor não depende do mundo exterior para a construção do sentido do texto. O leitor pela TBS é um pesquisador, ele recorrerá à argumentação presente/inerente no discurso para resgatar o sentido. Diante da problematização apresentada, comprovamos a hipótese global neste estudo: “O

título metafórico é um encadeamento argumentativo que, analisado pela TBS, permite a compreensão leitora de que o texto é um Bloco Semântico, único e global, composto pelo bloco semântico do título em estreita relação com os demais encadeamentos argumentativos que constroem o sentido global do discurso”.

Ao verificarmos desdobramentos da metáfora no movimento argumentativo do discurso, entendemos que o aspecto argumentativo evocado do bloco semântico expresso no título metafórico (BST) tem relação com os demais aspectos evocados pelos blocos semânticos expressos na reportagem jornalística analisada, os quais se verificam na orientação argumentativa que resulta um bloco de sentido global do discurso (BSG). Consideramos neste estudo que o título sumariza o sentido global do discurso. Por fim, defendemos que o aspecto evocado do título metafórico (BST) orienta para o aspecto evocado do texto (BSG) como possibilidade de compreensão leitora. Com a finalidade de um ensino pautado na compreensão do sentido argumentativo da língua, mais pesquisas devem ser realizadas utilizando-se dos estudos da metáfora e da TAL/TBS. Entendemos que este estudo possui algo inovador, no que se refere às reflexões atuais acerca do discurso, torna-se um importante referencial para futuras pesquisas, não tomando como acabado, este estudo deve ser visto como uma motivação para o ensino da língua materna sob uma perspectiva argumentativa.

**THEORY OF ARGUMENTATION IN LANGUAGE  
AS A RESOURCE FOR READING COMPREHENSION:  
THE METAPHOR AND THE PARADOX IN JOURNALISTIC REPORTING**

**ABSTRACT:** The aim of this article is to demonstrate, through semantic-argumentative analysis, how the metaphorical title of a journalistic report, guides to the reading comprehension of the text. The theoretical contributions of the Language Argumentation Theory (TAL), more specifically those related to the Semantic Block Theory (TBS), developed by Oswald Ducrot and Marion Carel, are used to describe the global meaning of discourse (BSG). The methodology is descriptive, bibliographic and proposes to analyze the argumentation existing in the metaphorical title and how this metaphor is observed discursively throughout the news report in order to perceive the relationship between the evoked aspect of the title and the evoked aspect of the global sense block of discourse. The results show aspects related to the mediation of reading comprehension, besides being motivating for the development of studies about reading from the argumentative perspective.

**KEYWORDS:** Metaphor; Title; Theory of Argumentation in Language.

**TEORÍA DE LA ARGUMENTACIÓN EN EL LENGUAJE  
COMO RECURSO PARA LA COMPRESIÓN LECTORA:  
LA METÁFORA Y LA PARADOJA EN EL REPORTAJE PERIODÍSTICO**

**RESUMEN:** El objetivo de este artículo es demostrar, a través del análisis semántico-argumentativo, cómo el título metafórico de un reportaje periodístico orienta la comprensión del texto por parte del lector. Se utilizan las aportaciones teóricas de la Teoría de la Argumentación del Lenguaje (TAL), más concretamente las relativas a la Teoría de los Bloques Semánticos (SBT), desarrollada por Oswald Ducrot y Marion Carel, para describir el significado global del habla (BSG). Las metáforas y paradojas se consideran construcciones argumentativas a las que se les pueden aplicar conceptos TAL/TBS, a partir de cadenas argumentativas. La metodología es

descriptiva, bibliográfica. Los resultados muestran aspectos relacionados con la mediación de la comprensión lectora, además de ser motivadores para el desarrollo de estudios sobre la lectura desde una perspectiva argumentativa.

**PALABRAS LLAVE:** Metáfora; Título; Teoría de la Argumentación en el Lenguaje.

## REFERÊNCIAS

CAREL, Marion. A argumentação no discurso: argumentar não é justificar. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 21, p.23, mar.1997.

\_\_\_\_\_. O que é argumentar? *Desenredo*, Passo Fundo/RS, v. 1, n. 2, p. 77-84, jul./dez. 2005.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos*. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DELANOY, Cláudio Primo. *Uma definição de leitura pela teoria dos blocos semânticos*. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DUCROT, Oswald. *O Dizer e o Dito*. São Paulo: Cultrix, 1987.

\_\_\_\_\_. *Polifonía y argumentación*. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del

Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

\_\_\_\_\_. Os Internalizadores. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002.

\_\_\_\_\_. A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 40, n. 1, p. 9-21, 2005.

\_\_\_\_\_. Argumentação Retórica e Argumentação Linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.44, n.1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

EXAME. A competição é uma droga. São Paulo: *Ed. Abril*, edição 981, ano 44, n. 22, p. 120-121, 1 dez.2010.

FIORIN, José Luiz. Metáfora e Metonímia: dois processos de construção do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 70-91.

FREITAS, Ernani Cesar de. *Semântica Argumentativa: a construção do sentido no discurso*. Novo Hamburgo: Feevale, 2007. 240 p.

GRÉGIS, Rosi Ana. O paradoxo na Teoria da Argumentação na Língua: uma questão linguístico-argumentativa. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, Maringá, v. 31, n. 2, p. 195-204, 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/6543/6543>>. Acesso em: 20 março 2022.

MOURA, Heronides. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em (Dis)curso*, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 417-452, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0703/7%20art%205.f>>. Acesso em: 25 março 2022.

\_\_\_\_\_. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 179-200, jan./jun. 2008. Disponível em:<[http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/07Heronides\\_Moura.pdf](http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/07Heronides_Moura.pdf)>. Acesso em: 05 abril 2022.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

*Recebido em: 22/05/2022.*

*Aprovado em: 13/07/2022.*